

Suíte quebra-castanhas

Aqueles que não leram o artigo "Brasil — uma castanha muito difícil de quebrar", de autoria de Solita Collas-Monsod, originalmente publicado no The Philippine Star e reproduzido por este jornal em sua edição de sexta-feira, não podem deixar de fazê-lo, principalmente os implacáveis críticos, à direita e à esquerda, do processo de negociação da dívida externa adotado pelo governo Collor. A um tempo irônica e admiradora do "panache" dos brasileiros, Collas-Monsod, ex-diretora do National Economic and Development Authority, das Filipinas, acaba fazendo uma apreciação francamente elogiosa do acordo que o País realizou na área externa durante a gestão da ex-ministra Zélia Cardoso de Mello. O que, para o acabrunhamento da autora, foi muito mais do que conseguiu o governo da presidente Corazón Aquino.

Salvo um ou outro detalhe mais pitoresco, de veracidade duvidosa, como o fato de o governo brasileiro ter usado o argumento de pane nos computadores como desculpa para suspender o pagamento dos juros sobre a dívida externa em julho de 1989, os fatos relatados depois que a negociação passou a ser conduzi-

da pelo embaixador Jório Dauster são corretos. Dos US\$ 8 bilhões de juros devidos, daquela época até o fim de 1990, o Brasil só pagará US\$ 2 bilhões neste ano e transformará o restante, inclusive juros de mora, em bônus a prazo de dez anos.

Isso é muito diferente do que obteve o governo da República das Filipinas, que, no período considerado, pagou US\$ 2 bilhões de juros e, como prêmio de consolação por sua fidelidade no cumprimento das obrigações assumidas, recebeu um empréstimo de US\$ 600 milhões. E enquanto em Manila os responsáveis pela economia se congratulavam pelo "bom negócio", a ex-ministra Zélia cerrava as sobrancelhas porque desejava que o Brasil rolasse os US\$ 8 bilhões devidos (na realidade, o que se pleiteava era uma securitização desse valor junto com a dívida acumulada). "Que fleuma!", exclama Solita Collas-Monsod, estupefata.

Não negamos que o processo de negociação teve lances teatrais, mas não só do lado

brasileiro. O subsecretário do Tesouro dos EUA para Assuntos Internacionais, David Mulford, também fez jogos de cena e, em absoluto, não foi tão gentil no caso do empréstimo de US\$ 350 milhões do BID, como faz supor a autora. O papel de Mulford, e ele o desempenhou com entusiasmo, foi o de encabeçar pressões para que o Brasil chegasse a um acordo rápido com os credores, condicionando-o inclusive à participação do País na Iniciativa para as Américas.

Naturalmente, as Filipinas ou qualquer outro país que se tenha sentido prejudicado nos entendimentos com os credores externos têm o direito de extrair as lições que quizerem da negociação brasileira. Mas seria engano procurá-las no relatório Krugman, que recomenda uma posição mais agressiva. O princípio básico que têm orientado as relações do nosso governo com os bancos e as instituições internacionais — e que não mudou com a substituição da professora Zélia Car-

doso de Mello pelo embaixador Marcílio Marques Moreira no Ministério da Economia — foi explicitamente anunciado pelo presidente Collor: o Brasil não firmará acordo algum que não possa cumprir.

O estilo de negociação pode tornar-se mais "soft" daqui por diante, mas, como o ministro Marques Moreira já afirmou taxativamente, o Brasil só pagará o que puder, sem comprometer as suas reservas. E, claro, as suas condições de cumprir compromissos tornar-se-ão melhores com o ingresso de investimentos e empréstimos do exterior.

Espantou-se, por sinal, a economista filipina com a não suspensão dos créditos comerciais ao Brasil depois da moratória tácita em meados de 1989. Parte do crédito por isso deve ser dada à habilidade do ex-ministro Mailson Ferreira da Nóbrega, mas o núcleo do segredo é a disposição manifesta do País, particularmente no atual governo, de abrir-se para o exterior, liberalizando o comércio e removendo empecilhos às aplicações externas, como se verificou recentemente com relação às bolsas de valores. Não se deixar embair pela ação tenaz dos "lobbies" é apenas a casca da castanha.